

EXEMPLO DE ENUNCIADO DE COMENTÁRIO ESCRITO PRESENCIAL

Antes de começar a responder, leia completamente o enunciado, tomando em devida consideração os tópicos de orientação. Comente apenas um texto de Heraclito ou de Parménides e um texto de Platão. Para este exercício, dispõe de 180m. É permitida consulta. Só serão avaliados os comentários escritos de modo legível.

I

HERACLITO

Fr. 102

Para deus, todas as coisas são belas e boas e justas; mas os homens tomaram umas como injustas e outras como justas.

Fr. 50

Escutando não a mim, mas ao *logos*, é sábio concordar [*homologeîn*] que tudo é um.

Fr. 2

É necessário seguir o comum. Mas, embora o *logos* seja comum, a maioria vive como se tivesse um entendimento particular.

Nos fragmentos anteriores, é apontada uma distinção ontológica fundamental e a orientação que visa a sua superação. Comente-os, tendo em atenção estes dois aspectos.

II
PARMÉNIDES

Fr. 2 Digo-te, pois - e tu cuida de escutar a palavra -,
aquelas únicas vias de pesquisa que há para pensar:
uma, que é e que não pode não ser,
é a rota da persuasão (pois segue a verdade);
5 a outra, que não é e é necessário que não seja,
constitui certamente - declaro-te eu - um sendeiro absolutamente inaudito,
uma vez que nem poderias conhecer o que não é (tal não é realizável)
nem declará-lo.

Fr. 3 Porque o mesmo é para pensar e para ser.

Comente estes dois fragmentos de acordo com um dos pontos de vista seguintes:

- 1- O sentido e alcance no conjunto do *Poema* da oposição entre “o que é e não pode não ser” e “o que não é e é necessário que não seja”.
- 2- O significado da exclusão da segunda via e o seu impacto estrutural sobre o todo do *Poema*.
- 3- O sentido da declaração contida no fr. 3, quando interpretada como um complemento do fragmento anterior.

III
PLATÃO

- Ora nós dissemos que também a vista via a grandeza e a pequenez, não como coisas separadas, mas misturadas. Não é assim?

- É.

- E, para clarificar o assunto, o entendimento é forçado a ver a grandeza e a pequenez, não disparadas, mas distintas, ao invés da visão.

- É verdade.

- Não é daí que, pela primeira vez, nos surge a ideia de indagar que coisa é a grandeza e a pequenez?

- Absolutamente.

- E foi assim que designámos o inteligível e o visível.

- Exactamente.

- Ora era isso mesmo que eu há pouco tentava dizer, que certos objectos convidam à reflexão, e outros não, colocando entre os primeiros os que recaem sobre a sensação acompanhada de impressões opostas; ao passo que os que não estavam nessas condições, os colocava entre os que não despertam o entendimento.

- Já compreendo, e parece-me que é assim.

- Ora pois! O número e a unidade, a qual dos dois te parece que pertencem?

- Não atinjo.

- Mas raciocina por analogia com o que dissemos anteriormente. Se a unidade é suficientemente vista tal como é, ou é apreendida por meio de qualquer outro sentido, não nos levaria até à essência, tal como dissemos a propósito do dedo. Mas, se na visão da unidade há sempre ao mesmo tempo uma certa contradição, de tal modo que não parece mais unidade que o seu inverso, será portanto já necessário quem julgue a questão, e em tal situação a alma seria forçada a uma posição de embaraço e a procurar, pondo em acção dentro de si o entendimento, a indagar o que será a unidade em si, e assim é que a apreensão intelectual da unidade pode pertencer ao número das que incitam e voltam o espírito para a contemplação do ser.

República VII, 524c-525a (trad. M. H. da Rocha Pereira, pp. 334-335)

Comente o excerto anterior, tendo em atenção o argumento que nele se enuncia implicitamente em favor da necessidade de postular as ideias.

IV
PLATÃO

- Queres então que comecemos o nosso exame a partir deste ponto, segundo o nosso método habitual? Efectivamente, estamos habituados a admitir uma certa ideia (sempre uma só) em relação a cada grupo de coisas particulares, a que pomos o mesmo nome. Ou não estás a compreender?

- Estou.

- Vamos então escolher, mais uma vez, um desses muitos objectos, o que tu queiras. Por exemplo, este, se te aprouver: há aí muitas camas e mesas.

- Pois não!

- Mas as ideias que correspondem a esses artefactos são duas: uma para a cama, e outra para a mesa.

- São.

(...)

- Ora Deus, ou porque não quis, ou porque era necessário que ele não fabricasse mais do que uma cama natural, confeccionou assim aquela única cama, a cama real. Mas duas camas desse tipo, ou mais, é coisa que Deus não criou nem criará.

- Como assim?

- É que, se fizesse apenas duas, apareceria outra cuja ideia aquelas duas realizariam, e essa seria a cama real, não as outras duas.

- Exactamente.

- Por saber isso, julgo eu, é que Deus, querendo ser realmente o autor de uma cama real, e não de uma qualquer, nem um marceneiro qualquer, criou-a, na sua natureza essencial, una.

República X, 596a-597d (trad. M. H. da Rocha Pereira, pp. 452-454)

Na passagem anterior, é exposta sumariamente uma prova da unicidade das ideias. Procure reconstituí-la e mostrar a sua importância para a teoria platónica das ideias no seu comentário do texto.